

O VIR A SER PRÓPRIO OU IMPRÓPRIO, A ANGÚSTIA, O SER-PARA-A-MORTE E OS FAZERES DA PSICOTERAPIA

*Becoming proper or inappropriate, anguish,
being-towards-death and the actions of psychotherapy*

José Olinda Braga¹
Crisóstomo Lima do Nascimento²

RESUMO

A analítica existencial do Dasein empreendida por Martin Heidegger na obra *Ser e Tempo* (1927) teve como objetivo, tornar transparente esse ente privilegiado que somos nós, Dasein, capazes de desvelar o sentido do ser, em seu próprio ser, para que em decorrência dessa tarefa, pudesse retomar a questão fundamental da Filosofia que sempre deveria ter girado em torno da formulação da pergunta sobre o sentido do ser, esquecida ao longo da tradição, e nutrida à base de preconceitos reproduzidos por décadas ao longo da história do pensamento. Instigados por tal explicitação dos diversos modos típicos de ser deste ente em sua cotidianidade mediana, busca-se neste artigo, a partir da apresentação dos conceitos relativos aos modos próprio e impróprio, angústia, recaída a ênfase sobre a noção de ser-para-a-morte, estabelecer um diálogo possível com os elementos teórico-metodológicos presentes na Abordagem-Gestáltica, tendo como meta, propiciar uma discussão epistemológica sobre os fazeres da psicoterapia que se inscreve segundo tais princípios norteadores. A elaboração de um pensamento voltado para o significado da morte é aqui apontada como condição inarredável para a retomada do protagonismo subjetivo envolto em teias intersubjetivas históricas, em que movidos pela consciência e saber do vivido, se possam elaborar projetos existenciais pautados pelos sentidos desvelados frente ao ser que é sempre meu.

Palavras-chave: Ser-para-a-morte; fenomenologia; psicoterapia

¹ Doutor em Educação. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: olinda@ufc.br

² Doutor em Educação. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: crisostomoln@gmail.com



ABSTRACT

The existential analysis of Dasein undertaken by Martin Heidegger in the work *Being and Time* (1927) aimed to make transparent this privileged entity that we are, Dasein, capable of revealing the meaning of being, in its own being, so that as a result of this task, could return to the fundamental question of Philosophy that should always have revolved around formulating the question about the meaning of being, forgotten throughout tradition, and nourished on the basis of prejudices reproduced for decades throughout the history of thought. Instigated by such an explanation of the various typical ways of being of this being in their average daily life, this article seeks, based on the presentation of concepts relating to proper and improper ways, anguish, an emphasis on the notion of being-for-the -death, establish a possible dialogue with the theoretical-methodological elements present in the Gestalt-Approach, with the goal of providing an epistemological discussion about the practices of psychotherapy that are inscribed according to such guiding principles. The elaboration of a thought focused on the meaning of death is pointed out here as an indispensable condition for the resumption of subjective protagonism involved in historical intersubjective webs, in which, moved by consciousness and knowledge of what has been experienced, existential projects can be elaborated based on the senses revealed in the face of the being that it is always mine.

Keywords: Being-to-death; phenomenology; psychotherapy

INTRODUÇÃO

O texto que aqui se apresenta tem por objetivo principal o desvelamento das possíveis relações entre a noção de ser-para-a-morte desenvolvida pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) em sua analítica existencial do Dasein explicitada em sua obra precípua, *Ser e tempo* (1927), em vias de se empreender uma Ontologia Fundamental, e seus fenômenos tangentes, tais como a angústia, o processo apropriativo, e os fazeres da psicoterapia.

Numa perspectiva clínica, sob olhar diagnóstico-valorativo quanto ao grau de sofrimento ou contentamento existencial, costuma-se identificar os estados de alienação de si como fonte geradora de conflitos internos, provenientes de um turbilhão de afetos os mais variados, que atravessam a alma da gente, com repercussões imprevisíveis às vivências subjetivas em sua esfera psíquica.

Como uma espécie de antídoto, pressupõe-se, portanto, que o saber de si, o conhecer

o vivido em suas entranhas e correlações produziriam as necessárias luzes a serem lançadas sobre as tramas da existência, com vistas à garantia de melhores condições de escolhas, frente ao horizonte de possibilidades que se nos apresenta a cada momento contingencial.

Usualmente tomada pelo senso comum como momento derradeiro de nossa existência, nossa finitude pouco nos desperta outra relação de sentido senão evitação permanente, e, portanto, exíguo movimento de maior atenção a ela. Entretanto, o também não raro afloramento do sentido daquela vida que se encontra na possível iminência de término nos aponta, nesta paradoxalidade, a possível importância de considerarmos a finitude humana como um ponto basilar de nossas reflexões, tomando-a, também, como vigor temático, possibilitador da emersão do próprio sentido da existência para o desenrolar de um processo psicoterapêutico. Neste sentido, caminhando em direção a uma autenticidade existencial de maior vigor, concomitantemente a um processo que guarda uma dialeticidade constitutiva circular entre o estado auto alienado ao perceber-se livre para a realização de escolhas inéditas e viáveis, do retorno ao modo próprio, em escuta à angústia que clama do nosso interior para ser escutada por nós mesmos, nos deparamos com um fato: há uma completa esquiva à reflexão sobre a morte, em meio às infinitas disposições humanas.

POR UMA ONTOLOGIA DO ENTE QUE SOMOS: O SER-AÍ

No ano de 1927, o ainda jovem e desconhecido no meio filosófico Martin Heidegger anunciava através de sua primeira grande obra, *Ser e tempo*, o esquecimento do que chamava questão fundamental da filosofia pela metafísica da tradição, a pergunta sobre o ser. Nesta empreitada que viria a caracterizar a sua Ontologia fundamental, o tenro filósofo apresenta a enunciação dos preceitos norteadores deste esquecimento, redirecionando o modo hegemônico de abordagem tradicional até então do ser da busca pela sua quididade na indagação do que ele é, mas sim pelo seu sentido, já balizado por este ente que somos, que temos a possibilidade de questionamento e colocação da questão, os humanos a quem ele denominou de *Dasein*, que permanece sendo-o-aí na cotidianidade vivida.



Esta reflexão ganha contornos hermenêuticos e não existencialistas enunciando os aspectos pré- ontológicos, ontológicos e ônticos, trazendo à clarificação as condições de possibilidade dos discursos que em geral as ciências do homem até então privilegiavam de ordem representacionais e categoriais deste ente que somos. Neste sentido, no âmbito daquilo que é relativo ao ser do ente que somos, Dasein, ou seja, sua estrutura ontológica, o filósofo da Floresta Negra enunciou o que chamou de Existenciais de modo a se possibilitar a compreensão do sentido de ser do vivido.

Heidegger aponta que permanecemos, de início e na maior parte das vezes, imersos em nossa cotidianidade mediana, modo este descrito por ele como inautêntico, edificado pela não escolha do ser que é sempre meu. Deparamo-nos nesse fora-de-nós-mesmos, sob o fluxo do movimento constitutivo do ser do Dasein, que é o de lançar-se para além e tão longe quanto mais sucumbidos nos perdermos na tagarelice suscitada em meio ao mundo circundante. Esse movimento de lançar-se para fora característico do ser do ente que somos é o que caracteriza o próprio acontecer da existência, que se dá no tempo, em fluxo, escoando na direção da morte.

Nós nos perdemos na vida inautêntica, ou não-própria. Haveria indicações possíveis a serem reveladas pela filosofia e ciência, capazes de nos sugerir o caminho para que uma vez perdidos, nos reencontremos, nesse processo inacabado e infindo de nos tornar quem somos? O quem desse tornar-se não está escondido em algum lugar do futuro, nem no escorregadio e inapreensível presente, tampouco no passado, cabendo-nos apenas encontrar os instrumentos e meios para se chegar a essa instância de chegada, a que de fato nunca se chega integralmente, mas que uma vez posicionados e decididos, nos colocamos na direção daquilo a que nos lançamos, e que é nosso advir. Trata-se de uma construção enquanto se processa, com início, duração e abismos. Não há chegada possível, esta é tão somente anunciada; um eterno vislumbre de onde se dirigir, representado por um fim que é ao mesmo tempo, fim do projeto existencial, ou a morte.

Com vistas ao enfrentamento dessa empreitada sobre o que se fazer na promoção da passagem do estar perdido de si ao encontrar-se, do estado auto alienado ao perceber- se livre para a realização de escolhas inéditas e viáveis, do retorno ao modo próprio, em escuta à angústia que clama do nosso interior para ser escutada por nós mesmos, nos deparamos com um fato: há uma completa esquiva à reflexão sobre a morte, em meio às infinitas

disposições humanas. Apesar de termos a certeza da finitude deflagrada com a morte, de sermos cotidianamente lembrados desse fato implacável, mediante a morte do outro que nos faz lembrar nossa própria condição de perecimento, comum a todos os humanos, definitivamente evitamos o mergulho na reflexão sobre este destino. A morte representa a nadificação de nosso tempo que é ser, a lida com o nada do ser que nos fora dado e que constituirá nossa única posse verdadeira.

A questão sobre a totalidade da presença que, do ponto de vista existenciário, emerge como a questão da possibilidade dela poder-ser-toda e, do ponto de vista existencial, como a questão da constituição ontológica de “fim” e “totalidade”, abriga a tarefa de uma análise positiva dos fenômenos da existência até aqui postergados (Heidegger, 2005b, p.17).

A morte, portanto, tem importância fundamental na conversão ao si mesmo. Na vivência imprópria, evitamos pensar nela, e nos escondemos nos biombos da diversão que nos distrai. Mas enquanto não pararmos de encará-la numa visão de sobrevoo, dificultamos agudamente a vivência da escolha do ser próprio, do ser sempre meu, e de novo a queda, e de novo a angústia, a fim de que tudo recomece incessantemente.

Filosoficamente, é o modo inautêntico que prevalece em seu acontecer, sobre o modo autêntico, a considerar uma mediania cotidiana. Constatar esse fato no pensamento ontológico heideggeriano equivale a descrever um dos modos típicos de ser do Dasein, sem maiores repercussões de ordem moral, estética, ou tampouco sanitária. Mas bem ao contrário, numa visão terapêutica humanista se concebe que uma tal circunstância ou modo de ser equivaleria ao estar distanciado de si e de seus afetos, resultando na configuração de uma vivência indesejável, causadora de sofrimento mental. Numa palavra, revela-se nesse âmbito, uma constatação valorativa do ponto de vista da saúde mental, que carrega em seu bojo de sofrimento desconhecido, sabido ou meramente intuído, o clamor para que sobre aquele não saber do vivido, se instaure um continuum de *awareness*, como conviria à Abordagem Gestáltica perlsiana (1997), capaz de retirar a pessoa de sua autoalienação, e fazê-la confrontar-se com seu horizonte de possibilidades históricas, em que novas e inauditas escolhas poderiam ser tomadas, em razão do seu ser livre. “O homem não possui absolutamente nenhuma determinação quidditativa a priori. Todas as suas determinações ontológicas são marcadas pela sua concretização existencial dessas determinações, pela



performance específica que traz consigo na realização de seu poder-ser” (Casanova, 2013, p. 83).

O fim de nossa existência não é a conclusão dela, na forma de um fim de caminho aonde se deveria chegar. Não terá sido um processo concluído, ao término de uma maturação presumida. Não se trata de uma parada a advir sub-repticiamente. Mas em que momento ela já não se encontra entre nós, os vivos? A morte é um fim que nos acompanha cotidianamente na forma de possibilidade ininterrupta. Antecipamo-la cada vez que nos projetamos adiante de nós mesmos, em sua direção. Na visão de Heidegger, essa disposição se trata de um ser ou estar precipitado para o fim, sem que se configure como um lócus a se aportar. A única possibilidade ontológica que nos resta seria então a de viver essa iminência, essa vertigem do abismo, não como uma espada sobre a cabeça, mas como um barco que nos conduz.

Sendo possibilidade insuperável dentre todas as possibilidades humanas, em razão de sua indeterminabilidade, pode a qualquer momento nos tomar de assalto. Nossa possibilidade mais própria, a considerar o fato de que não poderia delegá-la a outrem, a sua vivência. Quem haveria de morrer por nós?! E após a morte, todas as possibilidades viram impossibilidades, o que a coloca como sendo, sempre, a última das possibilidades de cada um de nós. Enquanto a morte não chega, o que fomos e o que poderemos ser prevalecem: o passado como história para nossas memórias e afetos, e o presente ausentado do fim, como possibilidade do ainda-não. Ser na direção do fim, antecipar a morte, não nos coloca numa estrada que nos levaria a algum lugar, posto que o fim já está aqui na própria tessitura do mover-se em sua direção.

FRONTEIRAS EPISTEMOLÓGICAS NA PSICOTERAPIA

Para o projeto de busca dos elementos filosóficos que darão suporte epistemológico, racionalidade e rigor aos procedimentos psicoterápicos, compreende-se que a filosofia descreve; a psicologia clínica pergunta sobre o descrito, constitui teorias, métodos e técnicas para intervenção no âmbito do particular, ainda que à luz do universal. A filosofia inspira e a ciência aspira intervir sobre o páthos, numa dialogicidade tecida em forma de mútua instigação.

Ao contrário da perspectiva ontológica, em que não prevalece uma visão moral valorativa deste fato, mas tão somente uma descrição do que na maioria das vezes ocorre em nosso campo existencial intersubjetivo, na concepção de caráter psicoterápico, o permanecer a maior parte do tempo alienado de si, distanciado de seu ser próprio, constitui fonte geradora de sofrimento psíquico, de ameaça à saúde mental, em que se lhe recai, por vezes, a necessidade de intervenções com objetivo de transmutar o influxo dessa direção, mediante a elaboração de possibilidades para um tornar-se si mesmo, com consciência das escolhas efetuadas e responsabilização sobre as consequências delas.

Em havendo essa possibilidade de descrição dos afetos de modo assemelhado a esta condição existencial típica do ser do Dasein descrito por Martin Heidegger, resguardadas as diversas especificidades presentes em cada um desses lugares de referência filosófica e psicológica (em sua dimensão psicoterápica), em que medida as instigações heideggerianas, partindo de lugares outros e de objetivos precípuos, poderiam anunciar em sua estruturação, elementos inspiradores para a prática clínica do psicólogo, preservando-se o cuidado em não se operar segundo meras transposições de conceitos?

O QUE PRECISAMOS SABER SOBRE O PENSAMENTO VOLTADO PARA O SIGNIFICADO DA MORTE.

Há diversos significados e sentidos atribuíveis ao evento da morte, além da quase total tentativa de seu encobrimento enquanto tema a ser refletido. No âmbito da psicoterapia, portanto, haveria a necessidade de se identificar qual seria o pensamento autêntico sobre a morte. Pensar sobre a morte não equivale a presumir suas circunstâncias, seus rituais, ou até o momento provável de seu acontecimento, ou ainda a escolha de um epitáfio.

Deparando-nos com a certeza e o encarar face a face da intransponibilidade que a morte nos impõe, nos damos conta de que nossa situação existencial se estrutura como abertura. Lançado ao fim, podemos girar na direção do passado que se encontra à frente, e não atrás, como costumamos supor, e apreendê-lo como um todo. Tomamos posse de nós mesmos como uma totalidade espreada no tempo. O que está atrás, e que, portanto, não se



encontra ao alcance dos nossos olhos e percepção é o futuro. Podemos mirar o passado à frente dos olhos. A partir do detrás, somos atravessados pelo fluxo vital do ainda-não (futuro) que se espraia na direção da frente para finalmente advir passado, exposto a nosso olhar atento ou indiferente. É, pois, lançando-se à frente de si que o Dasein pode desvelar e compreender seu ser. O vivido e o a viver ali se descortinam, precipitando-nos na perplexidade aflita e vital de poder escolher em meio a todo ainda-possível.

Ao mesmo tempo, que tais providências nos libertam, nos instalam na mais radical solidão. Esse movimento de avanço sobre si, a partir do que se é aqui e agora, traz a possibilidade de descortinar momentos do caminho percorrido bem como o que resta a percorrer, como antecipação da morte.

Do que haveríamos de nos libertar na promoção desse depararmos-nos direto com a morte? Somente o pensamento autêntico sobre esse destino é capaz de nos posicionar frente à libertação e à solidão radical em que existencialmente nos encontramos.

Cotidianamente somos lançados num mundo de possibilidades em seus horizontes, a considerar a inexorabilidade desta condição existencial específica de nosso ser, submersos numa teia de oportunidades à nossa escolha, ainda quando nada escolhemos. O mundo e suas circunstâncias, suas idiossincrasias e determinações, suas estruturas de funcionamento historicamente constituídas nos invocam, nos interpelam ao inacabamento, à incompletude, encontrando em nós, segundo nossa disposição, a possibilidade de ser-mais ou ser-menos em cada das circunstâncias evocadas, muitas vezes nos imobilizando diante da curiosidade e expectativas do ainda-não, o que redundaria muito mais como fechamento do que abertura a si; ou nos abrindo à expansão vivencial de nossos afetos, permanentemente seduzidos ao encolhimento.

Vem a ser, portanto, a escolha da morte na forma de avanço em nossa própria direção, num movimento de *cheminer-vers-soi*, que propiciaria, em prol de nossa totalidade, um olhar perscrutador, analítico, decisório, numa palavra, prestes a nos instalar na vivência da libertação, uma vez tendo à mão, as perspectivas do vivido-sabido, do a viver enquanto decisão escolhida, defrontando-nos com o essencial, ao tempo que nos abriria a possibilidade de rechaço ao supérfluo.

À medida que olharmos retrospectivamente para o vivido, a morte que está por chegar nos cobra a necessidade de articular sentidos e significados aos caminhos já

caminhados, constituindo-se como condição para a tessitura do sentido da existência, a partir do emaranhado de oportunidades idas e vindas para o vislumbre do que subjaz. A vida, ao contrário do que naturalmente somos seduzidos a crer, não se perfaz ao acaso, segundo possibilidades contingentes, mas segundo projetos existenciais elaborados por cada Dasein, para além do meramente oferecido pelas circunstâncias subjetivas e comunitárias.

O olhar retrospectivo sobre o vivido (saber da vivência, tal como nos proporciona os estados de *awareness* suscitados no processo psicoterápico em Gestalt-terapia) carrega a necessidade de que se descubra o sentido do caminho percorrido e aquele a se trilhar, sem perder de vista que ser é dar sentido à existência.

Outra perspectiva de libertação que tais procedimentos propiciam, diz respeito às conservas sociais que imprimimos cotidianamente em nossos hábitos, que nos imobiliza num não-mais-poder-ser-outro senão este que temos sido. A ideia da morte e sua antecipação nos arrasta ao contato com as escolhas não tomadas, com as possibilidades negligenciadas ou renunciadas que deixamos, amiúde, escapar.

A angústia da morte tem o poder de despertar no *Dasein*, a urgência de escolher seu próprio ser. Somente com essa reapropriação, a vida se insurgiria como totalidade constituída sobre um projeto, em vez de um emaranhado de vividos sucessivos, desprovidos de qualquer sentido.

A angústia advinda das preocupações por uma morte sempre iminente, coloca o Dasein sob constante ameaça, gestando preocupações que exigem, como ultrapassagem, sua antecipação. É a assunção da angústia que abre as possibilidades de libertação, e jamais seu rechaço. Alienação, inquietações, vivência de uma angústia que faz sofrer (sim, há aquela que faz crescer frente à descoberta de sentido existencial) são típicos do modo de ser impróprio do Dasein. Assumir a angústia da morte nos proporciona uma liberação das ilusões e nos instala na condição de ser si-mesmo, de viver intensamente cada instante histórico.

As perspectivas psicoterápicas de cunho humanista, mais especificamente lembradas aqui a Gestalt-Terapia e Abordagem Centrada na Pessoa, se localizam num plano de referência organísmica, uma vez que concebem a subjetividade humana como uma



dinâmica referida a uma lógica organizacional que tende a uma suposta reconquista de um equilíbrio homeostático perdido no devir existencial, perda esta propulsora do desequilíbrio e conseqüente sofrimento. Enunciarmos aqui estas “fronteiras epistêmicas” destes diferentes horizontes referentes de práticas psicoterápicas também nos permite o importante movimento de reflexão e debate sobre suas possibilidade e limites de diálogos epistemológicos e factuais pragmáticos. Podemos dizer assim que tanto Rogers quanto Perls, a partir de diferentes lugares e procedimentos, buscaram o “resgate” do eu subsumido na angústia, por meio de estados de *awareness* ou das denominadas condições facilitadoras de ocorrência da psicoterapia.

A FINITUDE COMO INSPIRAÇÃO FUNDANTE DO SER-SI-MESMO NA PSICOTERAPIA

Fadado à sua condição estrutural originária de ser-para-a-morte, o Dasein porta como traço constitutivo ontológico a possibilidade de uma apropriação tematicamente mais sua dessa sempre iminente possibilidade de findar. A instauração de uma dinâmica apropriativa de seu incontornável caráter ontológico de fundação catapulta o ser-aí para a possibilidade de sua antecipação, ou melhor, para a possibilidade de uma apropriação temática de sua própria finitude. Sua iminência no vivido tomado de apropriação anuncia, paradoxalmente, a própria possibilidade de realização de qualquer outra possibilidade.

Herdando a tarefa do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger (1881-1966) a quem coube a original implementação dos primeiros passos de se rever a psicologia da época mais livre de seus pressupostos teoricistas, subjetivistas e psicologizantes que nela reinavam desde seu nascimento ao fazer referência a ser e tempo através da noção de cuidado (*Sorge*), foi efetivamente o psicoterapeuta e psiquiatra Medard Boss (1903-1990) quem estruturou mais efetivamente o pensamento da psicologia em sua vertente clínica em estreita correlação com a ontologia fundamental de Heidegger.

Decorrente de uma intensa e fértil proximidade com o filósofo alemão que culminaram com potentes e profícuos encontros entre as décadas de 50 e 60, foi a Boss a quem competiu e se consolidou historicamente a empreitada clínica de cunho ontológico em tangente diálogo com as estruturas da existência do homem apresentadas na seminal

obra de 1927 do filósofo alemão.

Nasceram, assim, os Seminários de Zöllikon, obra que remonta a tais encontros na casa do psiquiatra suíço destinados a promover este possível amalgamento sobre o pensar humano e a psicologia da Analítica das estruturas ontológicas do ser-aí mais livre dos ditames da tradição estrutural-associacionista. Foi destes encontros frequentados eminentemente por médicos e psicoterapeutas, que se estruturou a Daseinsanalyse, caracterizando-se como práxis psicoterapêutica inspirada na Ontologia fundamental de Martin Heidegger para se pensar em seus desdobramentos sobre a dimensão ôntica do existir humano.

Desta forma, e de modo mais específico, nasce para o horizonte das práticas clínicas em psicologia um fazer clínico de inspiração ontológica que se calca no preceito fundamental e seminal de Ser e tempo, a impossibilidade de determinação do ser, e por extensão, a irrealizável tarefa de se encontrar no existir humano qualquer caráter de determinação atemporal e de características supostamente estáveis deste existir. De modo diverso a Binswanger, Medard Boss edifica suas reflexões pautadas nas tonalidades afetivas do tédio e da angústia preconizadas em Ser e tempo, passando a considerar na relação com o paciente no processo psicoterapêutico o horizonte hermenêutico intrínseco a este existir. Como psicoterapeutas, temos que nos abster do agir presunçoso de levar da nossa parte quaisquer máximas e dogmas aos nossos pacientes. Temos que nos contatar em remover do caminho, aqui e ali, uma pedrinha, um obstáculo, para que aquilo que já está aqui, e que sempre formou a essência do paciente, possa sair, por si, ao aberto, de sua reserva até agora mantida (Boss, 1981, p.42).

Doravante ganha um crescente teor de revisão uma espécie de pacto tácito, tanto da ordem da *doxa* quanto da episteme, a compreensão mediana de que a vertente clínica da psicologia, a psicoterapia, consiste numa implementação prática e objetiva, estruturada semanticamente por uma abordagem teórica sobre o humano em sua dimensão imaterial, numa espécie de “barema referente e avaliativo”, conferindo a este agente instrumental a alcunha laboral de “promotor da saúde psíquica” no paciente através de um suposto restabelecimento de uma condição de estabilidade ou de saúde psíquica perdida pelas vicissitudes em seu existir.



Garantidor de uma espécie sentimento velado de poder e controle, tal pacto sustentado pelos integrantes desta conjuntura prático- intervencionista muito raramente costuma ser submetido a um estranhamento capaz de promover expressivo abalo em suas bases consensuais medianas, nem na esfera do conhecimento epistêmico quanto, muito menos, na ordem dos saberes e fazeres do senso comum numa espécie de “armação sedimentada”. Eis o contexto propício mantenedor do véu da impessoalidade.

Entretanto esta base histórica de natureza calculante e técnico-objetivante com frequência se mostra insuficiente para eugenzar o encontro clínico dos momentos de incertezas e aparente fragilidade das formulações lógico-explicativas sobre o existir deste ente que nós mesmos somos. É essa negatividade estrutural que se calca como elemento fundamental estruturante do modo de ser deste ser-no-mundo que somos, sua nacidade estrutural e permanente, que se constitui como elemento basilar da *Daseinsanalyse*, inaugurando no cenário das práticas psicológicas um novo horizonte de natureza mais horizontal, dialética e modesta sobre seus pretensos totens de previsibilidade e controle.

É o caráter do eterno porvir e poder-ser do ente humano que passa a ganhar mais espaço, atenção e visibilidade no reino da positivação determinística dos esquadrinhamentos identitários e atemporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto que ora se finda buscou explorar algumas possíveis relações entre a fenomenologia hermenêutica proposta por Martin Heidegger na empreitada de sua ontologia fundamental, mais detidamente entre a estrutura ontológica preconizada pelo filósofo da Floresta Negra em sua basilar obra *Ser e tempo*, de 1927, compreendida como ser-para-a-morte, tratada aqui como finitude, e seus fenômenos também estruturalmente tangentes, tal como a angústia e o fenômeno apropriativo deles decorrentes, e suas possíveis reverberações sobre a prática psicoterapêutica.

Tendo como base as inequívocas contribuições do pensamento heideggeriano sobre o pensamento humanista e a Gestalt-terapia, nasce pelo horizonte temático da *Daseinsanalyse* a possibilidade de emersão das mais notadas reverberações de sua ontologia fenomenológica sobre as práticas clínicas psicoterápicas. Compreendido como um

existencial ontologicamente articulado com o caráter de poder-ser do ser-aí, do modo de ser deste ente que somos, e consonante ao pensamento de que o espaço terapêutico constitui-se como um relevante encontro comprometido com o propósito do desvelamento de novos sentidos na dimensão ôntica, factual e pragmática da existência humana, trouxemos aqui a eventual promissora contribuição do fenômeno da apropriação mais íntima, própria e singular do caráter de finitude do Dasein como aspecto potencializador de anunciação de seu caráter de nada ontológica, negatividade estrutural e indeterminação existencial em seu incontornável vir-a-ser, estruturante da indeterminação do Dasein.

Explicitamos, desta forma, a possibilidade de se tomar o lócus clínico como promissor e fértil espaço de explicitação temática mais rigorosa dos horizontes e sentidos naturalizados do existir humano, bases dos modos de ser mais impróprios e evitadores da angústia impulsionadora ao ser-si-mesmo. Configura-se, assim, um horizonte temático de reflexão sobre as práticas do fazer clínico considerativos à experimentação de um exercício de aproximação de si e de incremento de um índice de maior fomentação, de maior estranhamento das sedimentações históricas cristalizadas em nossa cotidianidade laboral como profissionais que lidamos mais detidamente com a psique humana e o âmbito de estruturação hermenêutica destas sedimentações, possibilitando assim, a partir deste encontro, mais horizontal e dialógico, uma atenta revisitação do horizonte de sentido factual em que tais construções se deram e a enunciação de outras possibilidades de sentido provenientes desta atitude mais modesta e questionadora.

Uma amplificação noética em direção a uma possibilidade de compreensão clínica que amplie sua margem de subversão e libertação das amarras das representações usuais de técnica aplicada rigidamente subservientes aos ditames da tradição que restringem o ente humano a representações historicamente pré-estabelecidas.

Uma abertura que guarde maior comprometimento com o desvelamento de possibilidades que descortinem sedimentações ônticas deste ente humano, indeterminável a priori, fomentando seu peculiar e próprio movimento de vigor antinaturalista rumo ao existir mais fiel a seu estatuto ontológico de permanente relação com o que nos vem ao encontro no mundo. A partir da reflexão sobre a finitude, essa inescapável condição do ente que somos, na esteira das reverberações que daí decorrem, constituiu o vigor precípua desse



artigo elucidando elementos essenciais da analítica existencial do Dasein, empreendida na obra *Ser e Tempo* a saber, o fenômeno apropriativo humano, a angústia e a finitude humana, contrapondo com alguns fundamentos das abordagens psicoterápicas edificadas sob os preceitos fundamentais do movimento humanista, de modo a propor uma explicitação sobre a possibilidade das instigações heideggerianas poderem nortear as estratégias clínicas a partir da *Daseinsanalyse* mais comprometidas com oportunidades do descortinamento de vieses existenciais mais próprios àquele existir.

REFERÊNCIAS

BISNWANGER, L. (1977). **Três formas da existência malograda: extravagância, excentricidade e amaneiramento**. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar.

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial**. São Paulo: Duas cidades, 1981.

BRAGA, A. R. P. **A finitude humana no pensamento de Martin Heidegger**. Toledo: Vivens, 2016.

CASANOVA, M. A. **Eternidade frágil**. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2013.

FIGAL, G. **Introdução a Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo I**. Petrópolis: Vozes, 2005a.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo II**. Petrópolis: Vozes, 2005b